

Esclarecimento Metodológico:

Este relatório considera os dados disponíveis até o seu fechamento. Em edições futuras, ao serem agregadas informações mais atualizadas, pode, portanto, haver alteração dos resultados de meses e também de anos passados. Além disso, os valores monetários são continuamente deflacionados, o que implica em mudanças de alguns resultados – por meio deste processo é que se obtém o **PIB a valores reais**, atualizado para o período mais recente.

SEGMENTO DE INSUMOS INICIA 2011 NA DIANTEIRA

Geraldo Sant’Ana de Camargo Barros, Ph.D
Arlei Luiz Fachinello, Dr.
Adriana Ferreira Silva, Dra.
Equipe Cepea

1. Apresentação

O Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio mineiro estimado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP, com o apoio financeiro da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Minas Gerais (Faemg) e da Secretaria da Agricultura, Pecuária e Abastecimento de Minas Gerais (Seapa), cresceu 0,42% em fevereiro, ampliando para 0,93% a expansão da renda no primeiro bimestre de 2011.

O desempenho em fevereiro se deveu ao bom resultado em todos os segmentos, o que, no caso da agroindústria, significou menor taxa de retração. O segmento de insumos seguiu liderando o crescimento em fevereiro, especialmente em função dos fertilizantes que, no mês, registraram preços estáveis, mas o volume teve significativa expansão. Para as atividades dentro da porteira, o cenário de custos crescentes e receitas em desaceleração é o maior temor dos produtores. No mês, os produtos agrícolas com as maiores altas de preços foram café, banana e algodão. Na pecuária, destaque para o recuo de preços de suínos. Na agroindústria, o melhor desempenho esteve ligado ao processamento agrícola, especialmente em função dos melhores preços de álcoois recebidos em fevereiro. Já no processamento dos produtos pecuários, destaca-se o recuo de preços e de produção do leite em pó.

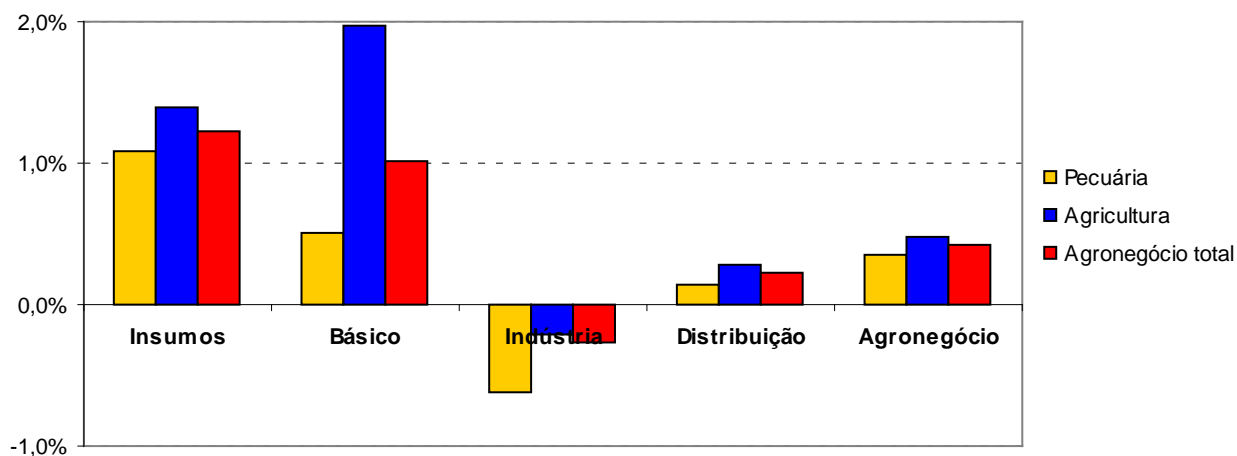


Figura 1 - Taxas de crescimento em fevereiro de 2011 (%).

Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa.

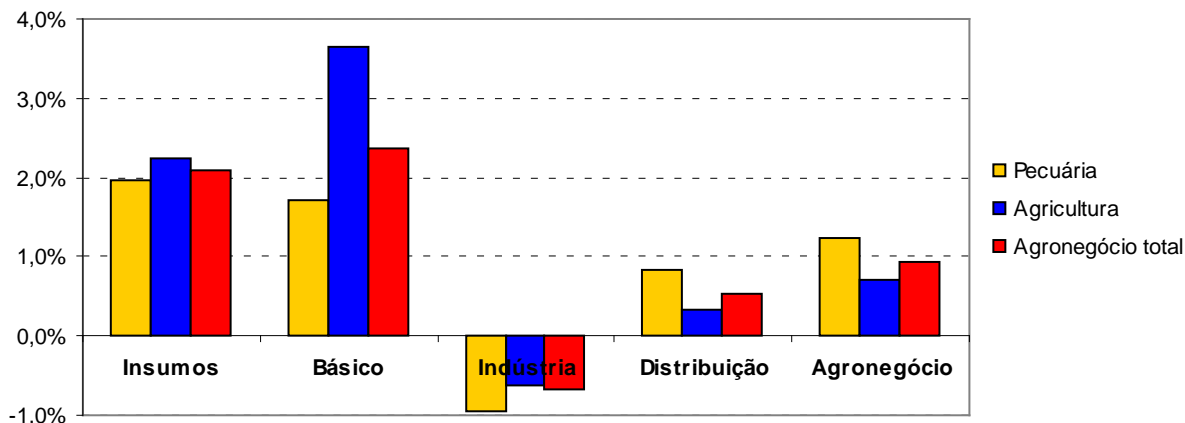


Figura 2 - Taxas de crescimento acumuladas de janeiro a fevereiro de 2011 (%).

Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa.

Nota 1: Em função de as estatísticas de abate de animais do IBGE não terem sido divulgadas até o fechamento deste relatório, não foi possível considerá-las no cálculo do PIB deste mês. Para estes setores, foram, então, avaliadas apenas variações de preço. Exceção para leite e bovinos, nos quais foram utilizados temporariamente indicadores de produção disponível no CEPEA.

Nota 2: A partir de janeiro de 2011, os números da produção de derivados do leite serão obtidos de pesquisas do CEPEA junto a produtores locais. Este acompanhamento permite melhor avaliação do volume de produção de cada tipo de produto processado. Até então, o crescimento do volume dos derivados do leite seguia uma parcela fixa adotada para cada derivado, não sendo possível observarem-se tendências individuais específicas. Essa mudança metodológica foi possível devido à geração e disponibilidade dessas informações para o estado de Minas Gerais.

2. Resultados e discussão

2.1 Estimativas de valor do PIB do Agronegócio de MG

O agronegócio mineiro apresentou crescimento de 0,93% no primeiro bimestre. Com essa expansão, a renda anual estimada para 2011 é de R\$ 112,8 bilhões (a preços de 2011). Desse valor, R\$ 64,3 bilhões ou 57,0% são oriundos do agronegócio agrícola e R\$ 48,5 bilhões ou 43,0% do agronegócio da pecuária (Tabela 3).

2.2. Evolução dos segmentos que formam o PIB

No mês de fevereiro, o agronegócio da *agricultura* apresentou expansão de 0,48%, ampliando para 0,70% seu crescimento acumulado. Todos os segmentos apresentaram melhora, embora na agroindústria isso tenha significado menor taxa de retração. O segmento de insumos apresentou crescimento de 1,40%, ritmo ainda maior que o de janeiro, ampliando para 2,24% o resultado do bimestre. As atividades dentro da porteira cresceram 1,98% no mês e 3,66% no bimestre. O segmento agroindustrial seguiu em direção contrária e, no mês, teve sua renda retraída

em 0,21%, acumulando no período queda de 0,62%. Por fim, o segmento de distribuição cresceu 0,28% no mês e 0,33% no bimestre.

No agronegócio da *pecuária*, somente o segmento de insumos melhorou seu desempenho. A sua taxa de crescimento foi de 1,08% (0,87% em janeiro), ampliando para 1,96% o crescimento bimestral. As atividades dentro da porteira cresceram 0,51%, ritmo menor que em janeiro (1,18%), elevando para 1,70% o crescimento acumulado. No segmento agroindustrial houve contração da renda em 0,62% (-0,33% em janeiro), o que ampliou para 0,95% a queda acumulada. O segmento de distribuição perdeu ritmo em fevereiro, mas ainda assim registrou expansão (+0,14%); com isso, no bimestre o segmento avança 0,83%.

- Insumos:

O segmento de insumos do agronegócio mineiro cresceu 1,22% em fevereiro, ampliando para 2,09% a sua expansão no primeiro bimestre de 2011. No ano anterior, o segmento apresentava desempenho negativo de 3,08% no mesmo período. Destaque para o crescimento do volume de fertilizantes neste início do ano. No grupo de insumos para a *agricultura*, o crescimento foi de 1,40%, ampliando para 2,24% a expansão do bimestre e, na *pecuária*, o crescimento foi de 1,08% no mês e de 1,96% no bimestre.

Fertilizantes e corretivos de solo continuam apresentando as maiores taxas de crescimento no grupo de insumos. Em fevereiro, os preços ficaram relativamente estáveis, enquanto o volume sofreu intensa elevação: +8,5% no mês. No acumulado dos dois primeiros meses, registram-se preços reais 1,67% superiores aos níveis do mesmo período de 2010 e volume 15,75% maior. Para o segundo semestre, as perspectivas de preços iguais ou superiores aos atuais têm levado muitos produtores a adiantar suas compras. Sendo o principal insumo da agricultura, a demanda aquecida de fertilizantes, paralelamente à alta nas matérias-primas importadas, tem elevado as cotações do insumo, motivando produtores a temer menores lucros ou mesmo prejuízo.

No grupo de combustíveis e lubrificantes, os preços em fevereiro sofreram pequenas variações em relação a janeiro. Já para a bimestre, em relação ao mesmo período do ano anterior, os preços médios reais recebidos estão muito abaixo. Esses recuos em preço se devem, especialmente, à elevada inflação no período, uma vez que os preços nominais sofreram pequenas variações. Os preços reais recuaram 9,37% e o volume aumentou 5,80% para os dois primeiros meses do ano. Isso resultou em queda de 4,12% do faturamento real da atividade.

No grupo alimentos para animais, os preços em fevereiro se mantiveram nos mesmos níveis de janeiro, o que elevou em 13,96% a média do bimestre, quando comparado à média observada no primeiro bimestre de 2010. Os números referentes ao volume de produção ainda não foram computados, uma vez que dependem de estimativas de produção animal a serem divulgadas pelo IBGE.

Na Figura 3 estão as taxas de crescimento dos ramos de insumos não-agropecuários para o ano de 2011, tomando-se como base os preços médios reais de janeiro e fevereiro de 2011 em relação ao mesmo período do ano anterior e as estimativas anuais de produção para 2011. Na Tabela 8 são apresentados os números dos setores que compõem o segmento.

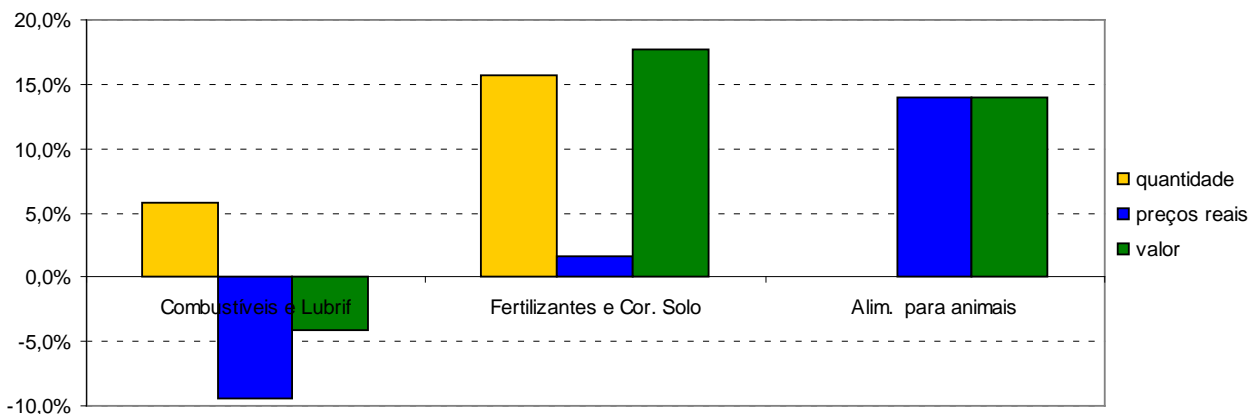


Figura 3 - Evolução do volume, preços reais e faturamento dos insumos não-agropecuários (%aa) – 2011/10

Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa (elaborado a partir de dados da FGV, ANP, ANDA e IBGE).

- **Atividades “dentro da porteira”**

As atividades agropecuárias apresentaram crescimento de 1,01% em fevereiro, elevando para 2,36% a expansão da renda no primeiro bimestre em relação ao mesmo período do ano anterior. Em fevereiro de 2010, esse grupo de atividade apresentava expansão acumulada de 1,24%. O ritmo mais intenso em 2011 se deve tanto ao comportamento das atividades agrícolas como da pecuária. Enquanto em 2010 o crescimento da renda se dava em função do maior volume de produção, com preços até mesmo recuando, este ano acontece o contrário: são os preços em forte alta que garantem maior expansão da renda no primeiro bimestre.

Entre os produtos agrícolas que apresentaram as maiores altas de preços em fevereiro estão café, banana e algodão. Para o algodão, a baixa disponibilidade da pluma e a demanda global ativa continuam impulsionando os preços no Brasil e no mundo. Já as maiores quedas de preço aparecem no feijão, arroz e batata. Quanto ao volume de produção, as estimativas de fevereiro em relação ao mês anterior melhoraram para algodão, banana, batata e laranja, enquanto para os demais produtos pioraram. A soja apresentou o maior ajuste para baixo nas estimativas de produção no estado. Em janeiro o IBGE estimava ampliação de 5,86% no volume produzido de soja em Minas Gerais, mas em fevereiro esse número mudou para -1,23%. No bimestre, desponta o crescimento das receitas com o algodão via preços e volume. As perdas de receita aparecem na batata e carvão vegetal, em função da queda de preços, e no arroz, que registra recuo em preços e volume – no caso do arroz, a queda no faturamento da já chega a 45,26%. No milho, pesquisas do Cepea apontam que o cenário de oferta escassa no Brasil e no mundo deverá manter as cotações firmes ou, pelo menos, acima da média dos últimos anos (ver Figura 4).

Na *pecuária*, a suinocultura sofreu com a intensa queda de preços em fevereiro (20,54% em termos nominais). Isso acabou levando a média de preços reais no bimestre para níveis menores que no mesmo período de 2010. Esse movimento de queda segue o comportamento dessa carne no mercado internacional. Já para a avicultura, os preços do frango vivo e ovos melhoraram no mês, tornando, com isso, a média de preços reais do primeiro bimestre maior que no mesmo período de 2010. Para a bovinocultura, os preços pouco variaram no mês, mas a média para o primeiro bimestre se manteve quase 20,0% acima da média do mesmo período do ano anterior. Indicadores de volume de produção gerados pelo CEPEA para o estado (utilizados aqui temporariamente, até

que os dados do IBGE sejam divulgados) revelam um pequeno volume de produção em 2011. Para o leite, os preços e volume pouco variaram no mês, mantendo, assim, crescimento quase nulo de preços médios reais no bimestre – comparativamente ao mesmo período de 2010. Em volume, utilizando-se o ICAP-Leite do CEPEA para o estado (usado aqui também temporariamente), constata-se recuo da produção em 1,87% neste ano em relação ao início de 2010.

Veja nas Figuras 4 e 5 a variação de volume, de preços reais e de faturamento real das atividades primárias da agricultura e pecuária mineira em 2011, tomando-se como base os preços médios do primeiro bimestre de 2011 em relação ao mesmo período do ano anterior e as estimativas anuais de produção.

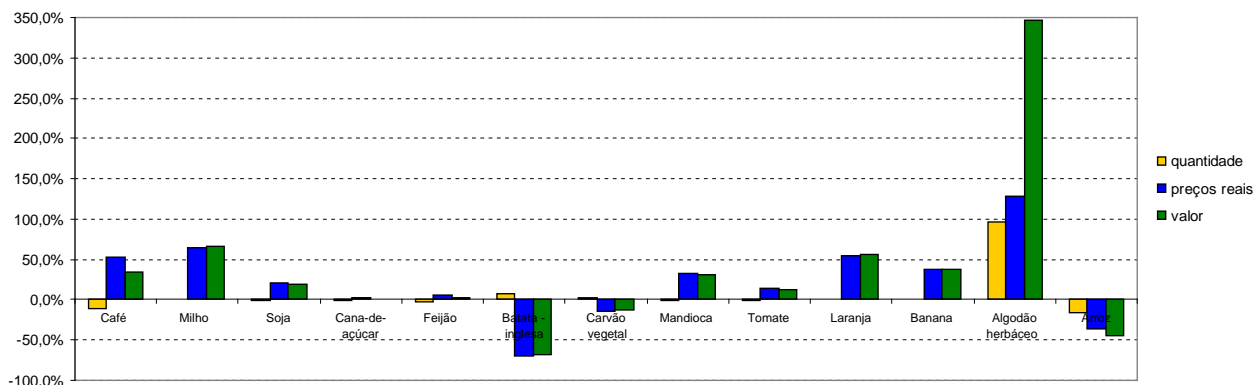


Figura 4 - Crescimento do volume, preços reais e faturamento das lavouras (%aa) – 2011/10

Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa (elaborado a partir de dados do Cepea, IEA, AMS, FGV e IBGE).

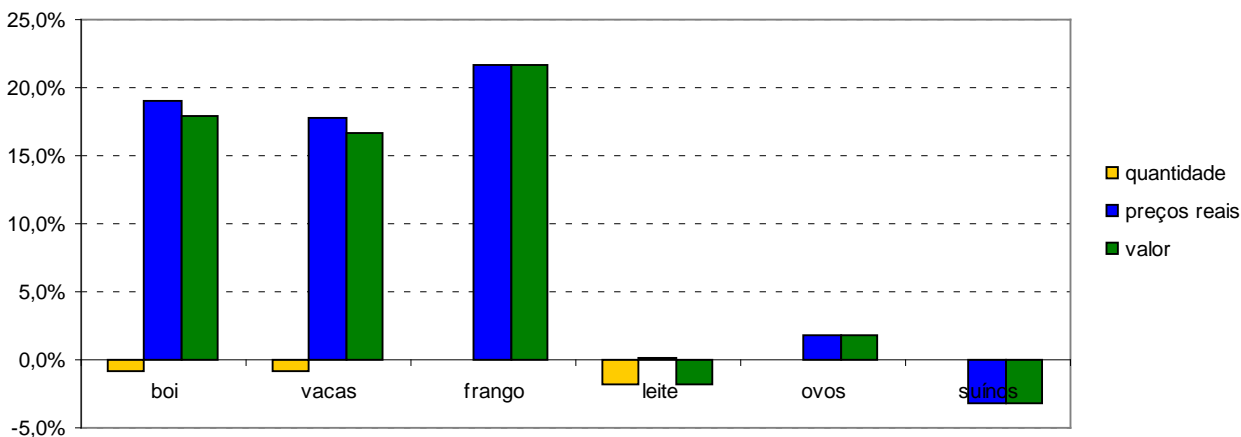


Figura 5 - Crescimento do volume, preços reais e faturamento da pecuária (%aa) – 2011/10

Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa (elaborado a partir de dados do Cepea, Avimig e IBGE).

- Atividades da Agroindústria:

O segmento industrial do agronegócio mineiro apresentou pelo segundo mês consecutivo desempenho negativo. Em fevereiro, a retração foi de 0,27%, o que fez acumular recuo de 0,66% na renda no primeiro bimestre de 2011. Enquanto no processamento agrícola a taxa de retração perdeu ritmo em fevereiro, no da pecuária, teve aumento.

Na agroindústria de base *agrícola*, a retração observada em fevereiro foi de 0,21% (-0,41% em janeiro). Com isso, no acumulado dos dois primeiros meses, o desempenho na renda da indústria agrícola foi de -0,62%. Em fevereiro, a maioria dos produtos avaliados sofreu pequenas variações positivas nos preços - exceção para açúcar e celulose e papel. Os álcoois foram os que tiveram as maiores elevações. Já o volume de produção recuou para a maioria das atividades. No geral, houve perdas de faturamento nas indústrias de celulose e papel, álcool e açúcar e café e aumento nas indústrias de têxtil e óleo de soja, especialmente em função dos preços, assim como fumo e bebidas. Óleo de soja continua apresentando os maiores ganhos de receitas, seguido pela indústria têxtil. Mesmo com o bom desenvolvimento das lavouras na América do Sul e com a estimativa de maior produção na Argentina e no Brasil, as cotações continuam refletindo as apreensões com as instabilidades políticas e econômicas no Oriente Médio e Norte da África.

Na agroindústria de base *pecuária*, o desempenho em fevereiro foi de -0,62% (-0,33% em janeiro), o que elevou para 0,95% a retração da renda no primeiro bimestre. Esse pior desempenho se deveu especialmente ao recuo dos preços da carne suína. Os preços de queijo e da carne de aves também sofrem quedas, embora em menor magnitude. Para o bimestre, o panorama setorial foi de aumento significativo dos preços reais da carne bovina (macho e fêmea), de frango e de queijo. Já a carne suína, leite em pó e pasteurizado apresentaram recuo em relação ao primeiro bimestre de 2010. A maior queda de preços foi registrada no leite em pó, próxima de 33%. Essa atividade perde ainda com o recuo da produção ao redor de 6,0% (veja Figura 7 e Tabela 12).

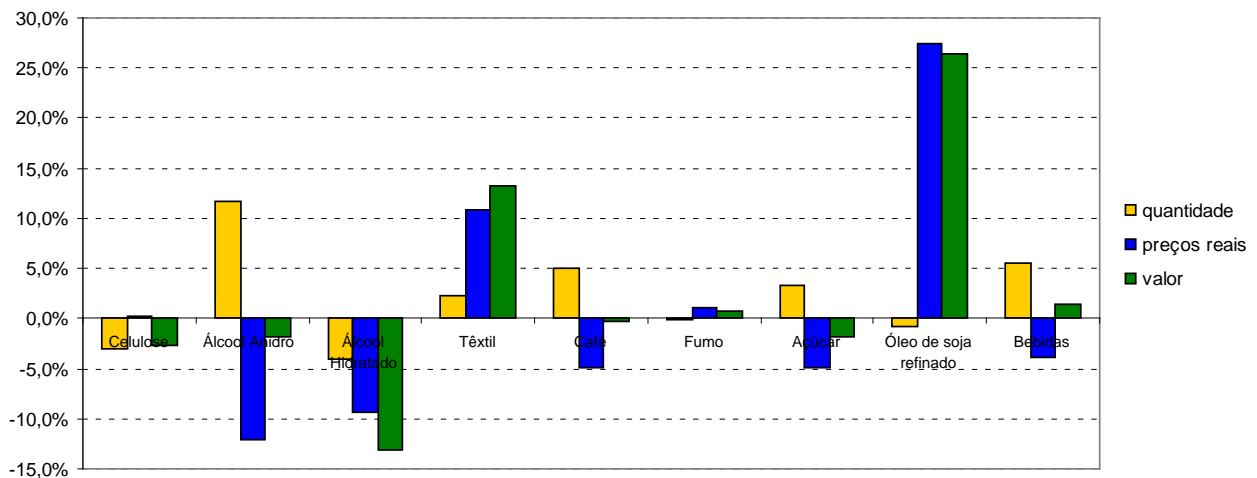


Figura 6. Crescimento do volume, preços reais e faturamento da agroindústria vegetal (%aa) – 2011/10

Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa (elaborado a partir de dados da FGV, Unica e Abiove).

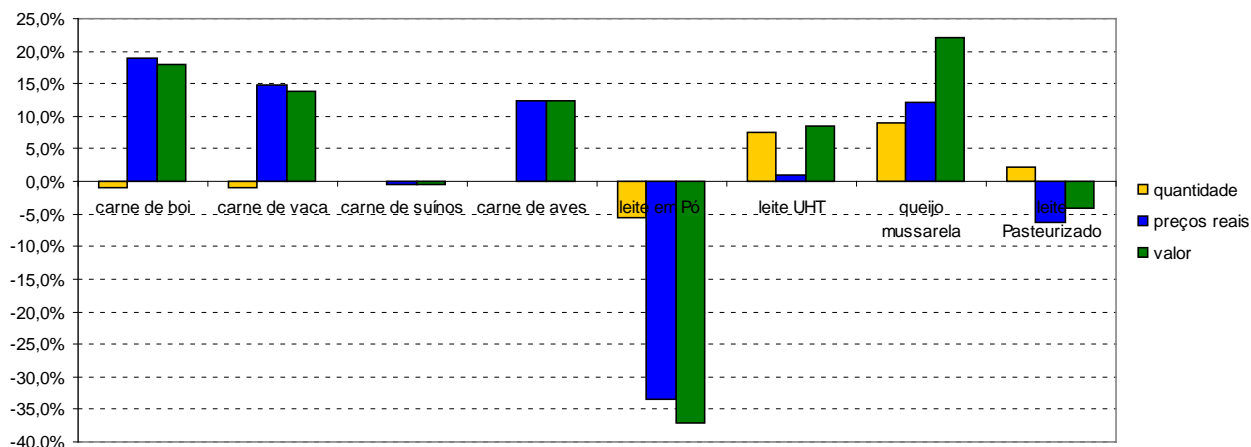


Figura 7. Crescimento do volume, preços reais e faturamento da agroindústria animal (%aa) – 2011/10

Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa (elaborado a partir de dados da FGV, Unica e Abiove).

- Distribuição:

O segmento de distribuição (comércio e transporte) do agronegócio mineiro apresentou crescimento de 0,22% em fevereiro de 2011 (0,30% em janeiro), elevando para 0,53% a expansão do bimestre. No segmento de distribuição agrícola, o crescimento foi de 0,28%, resultado do desempenho positivo das atividades dentro da porteira, já que na agroindústria houve contração da renda. No segmento de distribuição da pecuária, a expansão foi de 0,14%, ritmo menor do que o verificado em janeiro e impulsionado também pelas atividades primárias. O recuo na renda da indústria reduziu o valor do produto transportado, diminuindo os ganhos do segmento distribuidor.

Participações:

Em fevereiro, as participações dos segmentos na geração de renda no agronegócio de Minas Gerais passaram a ser as seguintes: insumos não-agropecuários: 5,97%, segmento básico: 35,44%, industrial: 27,52% e de distribuição: 31,07%.

No agronegócio da *agricultura*, as participações são: insumos não-agropecuários: 4,59%, básico: 21,24%, agroindústria: 41,76% e distribuição: 32,42%.

Já no agronegócio da *pecuária*, as participações são: insumos não-agropecuários: 7,81%; básico: 54,24%, agroindústria: 8,67% e distribuição: 29,28%.

2.3 Análises conjunturais gerais

O mercado interno de **açúcar** cristal continuou com poucos negócios no correr de fevereiro no estado de São Paulo, envolvendo volumes relativamente pequenos. Na primeira quinzena de fevereiro, vários compradores se abasteceram com ofertas de atacadistas a preços mais baixos que os até então praticados. Já abastecidos, consumidores dessa matéria-prima reduziram a demanda nas duas últimas semanas do mês, levando usinas a também diminuir os valores pedidos.

A média do Indicador do Açúcar Cristal CEPEA/ESALQ (estado de São Paulo) foi de R\$ 75,17/saca de 50 kg em fevereiro, valor 1,54% menor que o de janeiro, mas 3,7% superior à média de fevereiro/10 (R\$ 72,49/saca de 50 kg), em termos nominais. Em fevereiro, as vendas internas (estado de SP) remuneraram mais do que as externas, com vantagem de 7%.

Quanto às exportações, segundo dados da Secex, os embarques brasileiros de açúcar bruto (VHP) totalizaram 915,9 mil de toneladas em fevereiro, volume 2,3% maior que o de janeiro (895,4 mil), mas 6,53% inferior ao de fevereiro/10 (979,9 mil).

Os preços dos **etanóis** anidro e hidratado subiram com força no correr de fevereiro no estado de São Paulo. O impulso veio, principalmente, da menor oferta por conta do período de entressafra. Além disso, a demanda aquecida, em especial com a volta às aulas, também elevou os preços. Ao longo de fevereiro, os aumentos tiveram como suporte aquisições de volumes expressivos pelas distribuidoras, receosas diante de novas altas.

Em fevereiro, o Indicador mensal CEPEA/ESALQ do anidro para o estado de São Paulo foi de R\$ 1,2931/litro (sem impostos), alta de 4,85% frente ao de janeiro, mas ainda 10% menor que o de fevereiro/10, em termos reais (descontada a inflação). O Indicador CEPEA/ESALQ do hidratado fechou a R\$ 1,1761/litro (sem impostos), aumento de 6,01% em relação ao de janeiro/11, mas 3% inferior ao de fevereiro/10, em termos reais.

Sobre as exportações brasileiras de etanol, conforme dados da Secex, foram embarcados 144 milhões de litros do combustível em fevereiro, aumento de 52% frente ao mês anterior; em relação a fevereiro de 2010, o aumento foi de 38,8%. Os principais importadores do produto brasileiro foram, nessa ordem, Estados Unidos, Japão e Coreia do Sul.

Os recordes de preços do **algodão** em fevereiro foram superados diariamente e não há modelo de previsão que consiga sinalizar o que vem pela frente – claramente, nenhum modelo previa os atuais patamares de preços. A baixa disponibilidade da pluma e a demanda global ativa impulsionaram os preços do algodão no Brasil e no mundo. O Indicador CEPEA/ESALQ referente ao produto posto em SP encerrou fevereiro próximo dos R\$ 4,00/lp, e empresas deram sinais de que já estão no limite da resistência para compras, optando por prorrogar as aquisições e, até mesmo, dando férias coletivas. As negociações de algodão em pluma ocorreram em ritmo muito lento ao longo do mês. No período, o Indicador subiu 11,25%, tendo média mensal de R\$ 3,8524/lp. Até o final de fevereiro, o Indicador registrava aumento de quase 37% no acumulado de 2011.

Conforme dados divulgados pela Conab no dia 9 de fevereiro, a área cultivada com algodão na temporada 2010/11 aumentou para 1.304,7 mil hectares, 56,1% superior à da safra anterior. Nas duas principais regiões produtoras do País, Centro-Oeste e Nordeste, o aumento foi de 57,4% e de 49,5%, respectivamente.

Em fevereiro, a média o Indicador CEPEA/ESALQ do **café arábica** tipo 6, bebida dura ou melhor, posto na capital paulista superou em 217 reais/saca a média de fevereiro de 2010, que foi de R\$ 278,68/saca. Os preços estão em alta desde meados do ano passado. Com o equivalente ao Indicador do arábica tipo 6 de fevereiro, seria possível adquirir, há um ano, uma saca do mesmo tipo mais outra de robusta tipo 6 e ainda sobriam 3 reais – considerando-se as médias mensais.

Na safra 2010/11, o café natural brasileiro tem sido cada vez mais procurado pelo mercado internacional, devido, principalmente, à dificuldade na obtenção de grãos suaves de outros países (como os da Colômbia e da América Central). O aumento nas exportações de café do Brasil comprova esse cenário. Considerando-se os dados do setor, no entanto, caso o desempenho dos

embarques de café brasileiro e a demanda interna em 2011 continuem no mesmo ritmo de 2010, a produção nacional pode ser insuficiente.

O Indicador CEPEA/ESALQ do arábica tipo 6 bebida dura para melhor, posto na capital paulista, teve média de R\$ 495,98/saca de 60 kg em fevereiro, valor 28,2% maior que o de janeiro, que foi de R\$ 433,34/sc. Para o **robusta**, as cotações subiram mais 11% em fevereiro. No mês, o Indicador CEPEA/ESALQ do tipo 6 peneira 13 acima teve média de R\$ 214,32/saca de 60 kg, alta de 11,1% em relação à média do mês anterior. Já para o tipo 7/8 bica corrida, a média mensal foi de R\$ 205,97/saca, avanço de 11,5% no mesmo período.

Em fevereiro, o mercado de **milho** foi caracterizado por oscilações distintas entre as principais regiões produtoras no Brasil. Enquanto a demanda do Sul deu sustentação aos valores naquela região, mesmo em período de colheita, nas demais praças, o abastecimento via compras em leilões governamentais pressionou as cotações. No mercado externo, a menor produção da Argentina, o crescimento do consumo norte-americano e a redução dos estoques mundiais deram o tom altista aos preços.

A situação de curto prazo ainda era de oferta escassa tanto no Brasil quanto em termos mundiais, o que deverá manter as cotações firmes ou, pelo menos, acima da média dos últimos anos. Vale observar que os preços do milho no Brasil estavam próximos aos observados no final de 2007 (em termos nominais), período em que as exportações brasileiras decolaram, restringindo a oferta interna.

Em fevereiro, o Indicador ESALQ/BM&FBovespa (Campinas-SP) caiu 3,4%, mas a média mensal, de R\$ 31,68/sc, foi 4,4% maior que a de janeiro/11 e 72,7% superior à de fevereiro/10.

As cotações de **soja e derivados** continuaram a ser pressionadas nos mercados interno e externo em fevereiro, principalmente pelas apreensões observadas na segunda quinzena do mês com as instabilidades políticas e econômicas no Oriente Médio e Norte da África. No final do mês, contudo, a demanda firme deu suporte aos preços, mesmo com o bom desenvolvimento das lavouras na América do Sul e com a estimativa de maior produção na Argentina e no Brasil.

Quanto às exportações, os embarques da soja em grão têm sido menores neste ano, contrapondo-se ao bom desempenho dos derivados. Segundo dados da Secex, os embarques do grão totalizaram 224,9 mil toneladas em fevereiro, volume 8,1% maior que o de janeiro/11, mas 66,1% menor que o de fevereiro/10. Entre janeiro e fevereiro de 2011, foram embarcadas apenas 433 mil toneladas, volume 42,8% inferior ao mesmo período de 2010.

O Indicador ESALQ/BM&FBovespa **da soja** transferida para o porto de Paranaguá cedeu 2,1% no mês, finalizando a US\$ 30,01/sc de 60 kg (em moeda nacional, a queda foi de 2,8%, para R\$ 49,90/sc). Apesar da queda no acumulado do mês, a média do Indicador em fevereiro/11 (de R\$ 51,39/sc) foi 1,2% maior que a de jan/11. Já o Indicador CEPEA/ESALQ (média de cinco regiões do Paraná) teve queda de 5,6% no mês, com média de R\$ 49,28/sc (0,7% menor que a de jan/11).

No mercado de derivados, os preços do óleo para o produto posto em São Paulo recuaram 0,4% no acumulado do mês. Para o farelo, a queda entre as regiões acompanhadas pelo Cepea foi de 6,9%.

No mercado **pecuário**, compradores tanto de bezerro (pecuaristas) quanto de boi gordo (representantes de frigoríficos) e também de carne (atacadistas) apontam para uma baixa oferta, o que tem levado a reajustes nos preços da arroba. Apesar da pressão exercida por compradores, os preços do boi gordo seguiram firmes em fevereiro, na maioria das praças acompanhadas pelo Cepea. No estado de São Paulo, o Indicador do boi gordo ESALQ/BM&FBovespa acumulou alta de 2,45% no mês, fechando a R\$ 105,37 no dia 28 de fevereiro.

No atacado da Grande São Paulo, a carcaça casada valorizou 1,9% no acumulado de fevereiro, fechando o mês negociada a R\$ 6,45/kg. Já para o traseiro, houve queda de 2,35%, passando para R\$ 7,88/kg no dia 28. O dianteiro valorizou 7,3%, a R\$ 5,15/kg, e a ponta de agulha, 13%, para R\$ 5,08/kg.

O Indicador do bezerro ESALQ/BM&FBovespa (animal nelore, de 8 a 12 meses, Mato Grosso do Sul) teve alta de 4% no acumulado de fevereiro, fechando a R\$ 731,10 no dia 28. Em praticamente todas as regiões consultadas pelo Cepea, os animais acima de 18 meses foram cotados em torno de R\$ 1.200,00.

Recuos nos preços de carne **suína** fizeram com que as indústrias reduzissem ainda mais o preço do suíno vivo. Nem mesmo a melhora das exportações amenizou as fortes quedas registradas em todas as regiões que pesquisadas pelo Cepea. No acumulado de fevereiro (de 31 de janeiro a 28 de fevereiro), o preço médio do suíno vivo negociado em Avaré/Fartura recuou quase 20%, passando de R\$ 2,62/kg para R\$ 2,11/kg. Na região de SP-5 (Bragança Paulista, Campinas, Piracicaba, São Paulo e Sorocaba), a baixa foi de 17%, saindo de R\$ 2,68/kg para R\$ 2,23/kg. No mercado mineiro, o suíno desvalorizou 19,5% em Ponte Nova (MG) e 17,4% em Patos de Minas no acumulado de fevereiro.

Após um período típico de exportações moderadas de carne suína, os embarques em fevereiro aumentaram com maior intensidade, 13% em relação ao mês anterior, alcançando o total de 32,8 mil toneladas. Em contrapartida, o preço da carne em moeda nacional diminuiu 5%. Mesmo assim, puxada pelo maior volume, a receita (em Real) aumentou 8% em relação à de janeiro. Em fevereiro, por quilo de carne suína vendida no mercado internacional, foram recebidos R\$ 4,57 – em janeiro, a média foi de R\$ 4,80. Entre os mesmos meses no ano passado, ao contrário, a carne valorizou 6%, passando de R\$ 4,36/kg para R\$ 4,61/kg.

Paralelamente à queda na demanda para o período, muitos suinocultores se sentiram pressionados pelo custo de produção e acabaram aumentando suas ofertas como forma de reduzir as despesas mensais. Como resultado, no atacado do interior paulista a carcaça comum registrou baixa de 17,5% e a especial, de 15% ao longo de fevereiro. No mesmo período, a carcaça casada de boi valorizou 2%, passando de R\$ 6,33/kg em 31 de janeiro para R\$ 6,45/kg em 28 de fevereiro, o que tornou a carne suína ainda mais “barata” em termos relativos.

Com a menor oferta e o consumo interno aquecido, o preço do **leite** pago aos produtores em fevereiro (referente à produção entregue em janeiro) teve aumento de 1,1% frente ao de janeiro, com média de R\$ 0,7371/litro (valor bruto). O recuo na captação de leite aumentou a disputa entre os laticínios, valorizando o leite na maioria das regiões pesquisadas pelo Cepea. Em relação a fevereiro/10, a média bruta teve alta de 19,2%, sem descontar a inflação.

A maior elevação do preço médio pago aos produtores em fevereiro ocorreu novamente no Rio Grande do Sul, de 2% (ou 1,4 centavo por litro) frente a janeiro, com média de R\$ 0,6954/litro (valor bruto). Em Goiás, devido à queda mais significativa na captação de leite, o preço médio aumentou 1,6% (1,2 centavo por litro) em relação ao de janeiro, com média de R\$ 0,7518/litro. Em Minas Gerais, a alta foi de 1% (0,7 centavo por litro), a R\$ 0,7285/litro, e no estado paulista, o preço médio foi de R\$ 0,7761/litro, alta de 1,1% (0,8 centavo por litro). Na Bahia, houve queda de quase 1% (0,6 centavo por litro), a R\$ 0,6312/litro.

Apesar da valorização do leite, pesquisadores do Cepea observam que os preços dos grãos em patamares ainda elevados em fevereiro aumentaram os gastos com alimentação concentrada, principal item nos custos de produção. O poder de compra do produtor de leite frente ao concentrado diminuiu 22% em relação a fevereiro/10, ou seja, para adquirir uma tonelada de concentrado, em fevereiro deste ano, precisou despender uma quantidade maior de leite.

3. Conclusões e recomendações

O agronegócio mineiro cresceu 0,42% em fevereiro, ampliando para 0,93% a expansão da renda no primeiro bimestre. No setor agrícola, o crescimento no mês foi de 0,48%, o que elevou para 0,70% a expansão da renda no primeiro bimestre. No agronegócio da pecuária, a expansão foi

de 0,35%, fechando o bimestre com taxa de +1,23%. Nos dois setores, o único segmento que apresenta resultados negativos nesse início de 2011 é o industrial.

Para a agroindústria de base agrícola, é importante ressaltar que o mesmo segmento iniciava 2010 com crescimento de quase 7,0% no primeiro bimestre, chegando a ampliar em 26,04% a renda naquele bimestre. Esse excelente resultado foi possível via ampliação de preços e volume. Em 2011, o recuo ocorre em preços, já que o volume está em alta. Na agroindústria de base pecuária, o recuo de preços mais intenso se dá no leite em pó e pasteurizado. Para o primeiro, observa-se também importante diminuição no volume produzido no primeiro bimestre.

No segmento primário, a alta de preços tem duração indeterminada, mas a desaceleração é inevitável e já vem ocorrendo para algumas atividades. Bom para os produtores que conseguiram, e ainda aproveitam uma relação produto/custo favorável. As compras antecipadas de alguns insumos para o ano já aparecem no crescimento do volume de vendas em fevereiro.

No segmento de insumos, os custos tanto da lavoura quanto da pecuária vêm crescendo rapidamente. A inflação em alta tem elevado quase todos os custos de produção. O crescimento dos preços também deve resultar em desaceleração da demanda agregada, o que se reflete em queda no consumo.

De forma geral, neste primeiro bimestre de 2011 a incerteza sobre o desempenho do agronegócio estadual e nacional domina o cenário vigente, uma vez que certos ajustes econômicos serão necessários.

4. Tabelas de dados

Tabela 1 – Taxas de crescimento mensais e acumuladas no ano do PIB do agronegócio de Minas Gerais em 2011/2010(%)

	AGRONEGÓCIO				
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
jan/10	-1,63	0,40	2,85	1,65	1,26
fev/10	-1,47	0,84	3,97	2,43	1,98

PIB do agronegócio de Minas Gerais – fevereiro de 2011

mar/10	-1,84	1,21	2,55	1,91	1,58
abr/10	-1,19	1,76	2,54	2,16	1,90
mai/10	-1,47	0,49	1,86	1,24	0,97
jun/10	-1,82	0,23	1,62	0,97	0,71
jul/10	-1,87	0,29	1,31	0,78	0,59
ago/10	0,10	0,38	1,44	0,92	0,82
set/10	1,46	0,86	1,18	0,99	1,03
out/10	0,27	0,80	1,31	1,07	1,00
nov/10	1,56	1,10	1,47	1,30	1,29
dez/10	1,01	1,92	1,28	1,52	1,56
jan/11	0,86	1,34	-0,40	0,30	0,50
fev/11	1,22	1,01	-0,27	0,22	0,42
Acum. no ano (2010)	-3,08	1,24	6,93	4,12	3,26
Acum. no ano (2011)	2,09	2,36	-0,66	0,53	0,93

AGRICULTURA

	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
jan/10	-2,84	0,54	3,27	2,62	2,09
fev/10	-2,59	0,91	4,55	3,71	3,08
mar/10	-3,49	1,24	2,77	2,43	1,99
abr/10	-2,17	2,16	2,69	2,57	2,28
mai/10	-2,60	0,93	2,00	1,76	1,47
jun/10	-3,08	0,74	1,84	1,60	1,29
jul/10	-2,68	1,75	1,61	1,64	1,44
ago/10	0,25	1,07	1,69	1,55	1,45
set/10	2,89	0,96	1,34	1,26	1,30
out/10	0,47	1,36	1,39	1,38	1,34
nov/10	2,30	1,39	1,51	1,49	1,52
dez/10	1,28	3,78	1,29	1,83	1,97
jan/11	0,83	1,65	-0,41	0,05	0,22
fev/11	1,40	1,98	-0,21	0,28	0,48
Acum. no ano (2010)	-5,35	1,45	7,97	6,43	5,23
Acum. no ano (2011)	2,24	3,66	-0,62	0,33	0,70

PECUÁRIA

	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
jan/10	-0,60	0,33	0,62	0,42	0,30
fev/10	-0,54	0,82	0,76	0,80	0,69
mar/10	-0,49	1,20	1,33	1,24	1,08
abr/10	-0,41	1,58	1,72	1,62	1,44
mai/10	-0,58	0,28	1,05	0,53	0,35
jun/10	-0,86	-0,01	0,35	0,11	-0,01
jul/10	-1,27	-0,40	-0,43	-0,41	-0,48
ago/10	-0,01	0,05	-0,06	0,01	0,02
set/10	0,41	0,81	0,19	0,61	0,67
out/10	0,11	0,52	0,83	0,62	0,55
nov/10	1,00	0,95	1,19	1,03	1,00
dez/10	0,80	1,00	1,19	1,06	1,02
jan/11	0,87	1,18	-0,33	0,68	0,88
fev/11	1,08	0,51	-0,62	0,14	0,35
Acum. no ano (2010)	-1,13	1,15	1,38	1,22	1,00

Acum. no ano (2011)	1,96	1,70	-0,95	0,83	1,23
---------------------	------	------	-------	------	------

Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa

Tabela 2 – Taxas de crescimento anual do agronegócio de 2002 a 2011

AGRONEGÓCIO					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2002	14,38	4,52	5,92	4,40	5,39
2003	14,51	4,78	10,41	7,20	7,47
2004	7,83	21,11	-5,97	7,01	9,33
2005	1,27	-12,53	8,16	-2,80	-4,38
2006	-2,59	12,93	22,58	16,57	15,22
2007	13,64	6,75	0,22	4,55	4,85
2008	32,75	13,01	6,16	9,39	11,54
2009	-9,14	-11,39	7,25	-2,43	-4,26
2010	-6,79	10,71	26,04	18,28	15,67
2011*	2,09	2,36	-0,66	0,53	0,93

AGRICULTURA					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2002	9,46	3,22	8,83	6,97	6,64
2003	15,74	-0,61	12,46	8,29	7,64
2004	9,77	20,95	-8,04	0,46	3,26
2005	-3,45	-5,95	9,10	3,78	2,08
2006	-6,51	-1,71	27,87	18,40	14,54
2007	22,39	-1,15	-3,63	-2,97	-1,56
2008	38,66	18,31	5,78	9,17	11,88
2009	-16,37	-17,60	10,17	2,03	-1,46
2010	-11,86	17,98	29,20	26,54	23,34
2011*	2,24	3,66	-0,62	0,33	0,70

PECUÁRIA					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2002	19,21	5,39	-5,38	1,32	3,90
2003	13,40	8,31	1,24	5,81	7,26
2004	6,04	21,20	4,34	15,51	16,80
2005	5,76	-16,47	4,02	-10,22	-11,40
2006	0,82	22,83	-1,67	14,17	16,06
2007	6,59	11,03	23,20	14,74	12,76
2008	27,27	10,46	7,96	9,64	11,18
2009	-1,86	-8,18	-6,08	-7,51	-7,30
2010	-2,43	7,34	9,07	7,91	6,83
2011*	1,96	1,70	-0,95	0,83	1,23

Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa.

* Taxas de crescimento acumuladas de janeiro a fevereiro de 2011

Tabela 3 – PIB do agronegócio de Minas Gerais de 2001 a 2011 (R\$ milhões de 2011)

AGRONEGÓCIO					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2001	3.710	25.192	14.911	19.471	63.284
2002	4.243	26.332	15.793	20.328	66.697
2003	4.859	27.590	17.437	21.791	71.677
2004	5.239	33.413	16.397	23.319	78.368
2005	5.306	29.228	17.734	22.667	74.934
2006	5.169	33.008	21.739	26.422	86.337
2007	5.873	35.237	21.786	27.625	90.522
2008	7.797	39.823	23.129	30.219	100.967
2009	7.084	35.288	24.806	29.484	96.663
2010	6.603	39.067	31.265	34.875	111.809
2011*	6.741	39.989	31.057	35.059	112.846

AGRICULTURA					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2001	1.837	10.101	11.859	10.623	34.421
2002	2.011	10.427	12.905	11.364	36.708
2003	2.328	10.364	14.514	12.305	39.511
2004	2.555	12.534	13.346	12.362	40.798
2005	2.467	11.788	14.561	12.830	41.646
2006	2.306	11.586	18.619	15.191	47.702
2007	2.823	11.453	17.942	14.739	46.957
2008	3.914	13.550	18.978	16.090	52.533
2009	3.273	11.166	20.908	16.416	51.764
2010	2.885	13.174	27.013	20.774	63.845
2011*	2.950	13.655	26.846	20.841	64.293

PECUÁRIA					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2001	1.873	15.091	3.052	8.848	28.863
2002	2.232	15.905	2.888	8.964	29.989
2003	2.531	17.226	2.923	9.486	32.167
2004	2.684	20.879	3.050	10.957	37.570
2005	2.839	17.440	3.173	9.837	33.289
2006	2.862	21.422	3.120	11.231	38.635
2007	3.051	23.784	3.844	12.886	43.565
2008	3.883	26.272	4.150	14.129	48.434
2009	3.811	24.122	3.898	13.068	44.899
2010	3.718	25.893	4.251	14.101	47.964
2011*	3.791	26.334	4.211	14.218	48.553

Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa.

* tomando como base a taxa de crescimento acumulada de janeiro a fevereiro de 2011.

Tabela 4 – Participação do PIB do agronegócio de Minas Gerais no agronegócio nacional (%)

AGRONEGÓCIO					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2001	9,61	13,12	6,93	8,83	9,50
2002	9,44	12,25	6,94	8,56	9,20
2003	9,57	11,48	7,45	8,82	9,28
2004	10,02	14,02	6,67	9,13	9,89
2005	11,31	13,60	7,20	9,18	9,92
2006	11,37	15,69	8,59	10,59	11,38
2007	11,38	14,93	8,25	10,36	11,06
2008	12,59	14,68	8,73	10,90	11,54
2009	13,10	13,55	9,92	11,07	11,64
2010	12,39	14,31	11,70	12,45	12,80
2011*	12,48	14,52	11,51	12,39	12,79

AGRICULTURA					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2001	7,35	9,59	6,60	7,10	7,49
2002	6,96	8,39	6,73	6,93	7,22
2003	7,03	7,19	7,31	7,16	7,21
2004	7,51	8,85	6,38	6,92	7,24
2005	8,51	9,85	6,92	7,46	7,84
2006	8,10	9,71	8,50	8,53	8,75
2007	8,63	8,55	7,89	7,85	8,07
2008	9,56	8,62	8,37	8,36	8,51
2009	9,59	7,63	9,75	8,89	8,93
2010	8,78	8,57	11,66	10,55	10,38
2011*	8,91	8,75	11,47	10,46	10,33

PECUÁRIA					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2001	13,78	17,42	8,64	12,47	13,98
2002	13,87	17,54	8,04	12,19	13,87
2003	14,35	17,88	8,22	12,62	14,32
2004	14,71	21,58	8,32	14,25	16,44
2005	15,85	18,30	8,84	13,10	14,85
2006	16,84	23,53	9,12	15,73	18,08
2007	16,14	23,31	10,43	16,36	18,42
2008	18,48	23,03	10,89	16,64	18,77
2009	19,08	21,15	11,00	16,02	17,88
2010	18,18	21,70	11,98	16,94	18,55
2011*	18,13	22,05	11,77	16,99	18,69

Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa.

* Participações com base nos PIBs até fevereiro de 2011.

Tabela 5 - Ponderações utilizadas para cada segmento do PIB do agronegócio de Minas Gerais

SEGMENTO BÁSICO - AGRICULTURA										
	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Café	48,35	34,70	25,95	33,94	35,97	42,00	30,30	33,92	33,67	40,23
Milho	8,83	15,27	16,02	11,67	11,79	9,17	14,18	12,64	11,63	9,02
Soja	7,07	11,61	13,91	12,37	9,69	7,43	9,41	9,99	12,67	9,21
Cana-de-açúcar	6,69	5,48	6,14	5,03	5,68	9,51	10,17	8,00	12,49	12,79
Feijão	5,06	6,69	7,18	3,91	5,71	4,09	5,35	8,70	5,47	6,00
Batata – inglesa	5,78	4,32	5,39	4,18	5,32	4,08	4,83	3,70	6,81	5,23
Carvão vegetal	8,70	10,07	13,02	17,47	15,93	15,12	17,31	15,54	7,84	8,20
Mandioca	0,35	0,47	1,51	1,50	0,79	0,63	0,84	0,73	0,76	0,86
Tomate	3,06	4,64	3,71	4,54	3,89	2,31	2,39	2,43	3,01	1,99
Laranja	1,85	2,13	1,95	0,95	1,14	1,44	1,44	1,01	1,04	1,77
Banana	2,85	2,85	3,11	2,17	2,20	2,94	2,50	2,40	3,17	3,14
Algodão	0,61	0,72	0,91	1,19	1,09	0,70	0,65	0,47	0,96	1,23
Arroz	0,79	1,07	1,21	1,09	0,79	0,58	0,65	0,49	0,47	0,34
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

SEGMENTO BÁSICO - PECUÁRIA										
	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Boi vivo	33,46	35,11	32,64	36,34	33,75	40,21	35,77	35,61	35,89	36,40
Vaca viva	16,94	17,22	17,54	20,93	12,47	20,71	17,96	18,01	16,96	15,39
Frango vivo	12,05	12,34	12,07	10,70	12,11	9,01	9,85	10,06	10,65	10,23
Leite natural	26,31	24,99	25,73	22,45	30,03	21,98	27,35	25,73	26,90	27,88
Ovos	3,78	3,87	4,33	3,05	3,53	2,75	3,56	3,45	3,21	2,88
Suíno vivo	7,45	6,48	7,69	6,53	8,11	5,35	5,51	7,15	6,39	7,22
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

SEGMENTO INSUMOS - PECUÁRIA										
	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Combustíveis e Lubrificantes	18,86	15,25	14,69	13,68	16,17	16,74	15,06	12,87	12,68	12,72
Adbos, Fert. e Cor. Solo	23,42	22,09	22,80	24,03	20,89	18,88	22,85	25,90	21,58	19,14
Alimentos para animais	57,72	62,66	62,52	62,29	62,94	64,38	62,08	61,23	65,73	68,14
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

SEGMENTO INSUMOS - AGRICULTURA										
	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Combustíveis e Lubrif.	18,55	16,33	15,41	13,87	17,96	20,06	15,72	12,33	14,25	15,82
Adbos, Fert. e Cor. Solo	81,45	83,67	84,59	86,13	82,04	79,94	84,28	87,67	85,75	84,18
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

SEGMENTO INDUSTRIAL - PECUÁRIA										
	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Carne de boi	10,18	11,49	12,08	12,09	11,98	13,97	12,90	15,71	15,30	16,40
Carne de vaca	4,19	4,16	4,96	5,52	5,36	6,45	6,26	8,52	6,97	6,21
Carne suína	7,32	7,08	9,00	9,41	9,60	8,03	7,25	9,70	9,31	10,04
Carne de aves	13,28	15,14	15,84	14,32	15,23	14,58	13,34	14,83	15,80	14,74
Leite em pó	21,89	20,21	17,34	16,92	17,76	16,69	18,95	14,51	13,81	34,17
Leite UHT	19,71	19,78	20,59	21,55	20,27	20,91	21,20	18,06	19,63	12,98
Queijo	20,16	18,66	16,13	15,79	15,16	14,89	15,65	14,27	14,62	2,65
Leite pasteurizado	3,26	3,49	4,07	4,41	4,64	4,50	4,44	4,40	4,55	2,82

PIB do agronegócio de Minas Gerais – fevereiro de 2011

Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
SEGMENTO INDUSTRIAL - AGRICULTURA										
	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Celulose e papel	21,68	20,03	19,38	20,95	19,72	15,19	18,78	16,48	12,18	11,19
Álcool Anidro	16,74	13,39	14,88	11,77	14,10	19,29	14,60	13,35	10,35	12,17
Álcool Hidratado	9,75	12,66	15,85	12,74	17,87	20,35	24,79	30,93	32,52	31,01
Têxtil	10,56	9,46	8,36	9,53	8,88	6,98	6,82	5,45	4,43	3,65
Indústria do café	14,36	12,05	10,36	13,65	11,53	9,36	11,38	10,38	9,53	10,17
Indústria do fumo	1,30	1,10	0,75	0,85	0,78	0,65	0,67	0,59	0,57	0,43
Indústria do açúcar	9,57	12,77	14,59	15,26	16,65	20,28	13,49	12,32	22,64	25,35
Óleos de soja refinado	7,04	11,90	10,75	10,11	6,21	4,42	5,61	7,17	4,56	3,35
Indústria de bebidas	9,01	6,63	5,07	5,13	4,26	3,48	3,84	3,33	3,21	2,69
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa.

Obs: As ponderações do presente ano derivam do valor bruto da produção do setor no ano anterior.

Tabela 6 – Taxas de crescimento no mês de fevereiro de 2011 (%)

	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio
Pecuária	1,08	0,51	-0,62	0,14	0,35
Agricultura	1,40	1,98	-0,21	0,28	0,48
Agronegócio total	1,22	1,01	-0,27	0,22	0,42

Tabela 7 – Taxas de crescimento acumuladas de janeiro a fevereiro de 2011 (%)

	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio
Pecuária	1,96	1,70	-0,95	0,83	1,23
Agricultura	2,24	3,66	-0,62	0,33	0,70
Agronegócio total	2,09	2,36	-0,66	0,53	0,93

Tabela 8 – Crescimento do volume e dos preços reais dos insumos (%aa) – 2011/10

	Combustíveis e Lubrificantes	Fertilizantes e Corretivos de Solo	Alimentos p/ animais
Quantidade	5,80	15,75	0,00
Preços reais	-9,37	1,67	13,96
Valor	-4,12	17,69	13,96

Tabela 9 – Crescimento do volume e preços reais das lavouras (%aa) – 2011/10

	Café	Milho	Soja	Cana-de-açúcar	Feijão	Batata – Inglesa	Carvão vegetal	Mandioca	Tomate	Laranja	Banana	Algodão herbáceo	Arroz
Quantidade	-11,48	0,67	-1,23	-1,37	-2,99	7,24	2,35	-0,60	-1,37	0,59	0,21	96,25	-15,30
Preços reais	52,06	65,36	20,26	1,63	5,32	-70,14	-14,75	32,25	14,26	55,15	37,90	127,92	-35,38
Valor	34,60	66,48	18,78	0,23	2,17	-67,98	-12,75	31,46	12,70	56,06	38,19	347,29	-45,26

Tabela 10 – Crescimento do volume e preços reais da pecuária (%aa) – 2011/10

	Boi	Vacas	Frango	Leite	Ovos	Suínos
Quantidade	-0,87	-0,87	0,00	-1,87	0,00	0,00
Preços reais	19,01	17,72	21,61	0,12	1,76	-3,26
Valor	17,98	16,70	21,61	-1,76	1,76	-3,26

Tabela 11 – Crescimento do volume e preços reais da agroindústria vegetal (%aa) – 2011/10

	Celulose	Álcool Anidro	Álcool Hidratado	Têxtil	Café	Fumo	Açúcar	Óleo de soja refinado	Bebidas
Quantidade	-3,05	11,71	-4,11	2,27	5,00	-0,19	3,25	-0,88	5,50
Preços reais	0,31	-12,04	-9,33	10,77	-4,98	1,00	-4,92	27,52	-3,84
Valor	-2,75	-1,74	-13,06	13,29	-0,23	0,81	-1,83	26,40	1,45

Tabela 12 – Crescimento do volume e preços reais da agroindústria animal (%aa) – 2011/10

	Carne de Boi	Carne de vaca	Carne de suínos	Carne de aves	Leite em Pó	Leite UHT	Queijo Mussarela	Leite Pasteurizado
Quantidade	-0,86	-0,86	0,00	0,00	-5,57	7,46	8,93	2,21
Preços reais	19,01	14,79	-0,49	12,27	-33,42	0,89	12,09	-6,17
Valor	17,98	13,80	-0,49	12,27	-37,13	8,42	22,09	-4,10

OBS: Os números apresentados nas Tabelas 6 a 12 correspondem aos dados utilizados nas figuras do texto.

Tabela 13 – PIB do agronegócio de Minas Gerais de 2001 a 2011 (R\$ preços correntes)

AGRONEGÓCIO					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2001	1.687	11.453	6.778	8.852	28.769
2002	2.190	13.587	8.149	10.489	34.415
2003	3.079	17.482	11.049	13.807	45.417
2004	3.632	23.162	11.366	16.165	54.325
2005	3.897	21.469	13.027	16.650	55.044
2006	3.862	24.664	16.244	19.743	64.514
2007	4.612	27.668	17.107	21.691	71.078
2008	6.810	34.780	20.200	26.393	88.183
2009	6.298	31.373	22.054	26.213	85.937
2010	6.198	36.669	29.346	32.734	104.947
2011*	6.741	39.989	31.057	35.059	112.846

AGRICULTURA					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2001	835	4.592	5.391	4.829	15.648
2002	1.038	5.380	6.659	5.864	18.941
2003	1.475	6.567	9.196	7.797	25.035
2004	1.771	8.689	9.252	8.569	28.281
2005	1.812	8.659	10.696	9.424	30.591
2006	1.723	8.657	13.912	11.351	35.644
2007	2.216	8.993	14.088	11.573	36.871
2008	3.418	11.835	16.575	14.053	45.882
2009	2.910	9.927	18.588	14.595	46.020
2010	2.708	12.365	25.355	19.498	59.927
2011*	2.950	13.655	26.846	20.841	64.293

PECUÁRIA					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2001	851	6.860	1.387	4.022	13.121
2002	1.152	8.207	1.490	4.626	15.474
2003	1.604	10.915	1.852	6.010	20.382
2004	1.861	14.473	2.115	7.595	26.044
2005	2.085	12.811	2.331	7.226	24.452
2006	2.139	16.007	2.332	8.392	28.869
2007	2.395	18.675	3.018	10.118	34.207
2008	3.391	22.946	3.625	12.340	42.301
2009	3.388	21.446	3.465	11.618	39.917
2010	3.490	24.304	3.990	13.236	45.020
2011*	3.791	26.334	4.211	14.218	48.553

Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa.

* tomando como base a taxa de crescimento acumulada de janeiro a fevereiro de 2011.